



ANA KARENINA MAIA BARBOSA

O ENSINO TEOLÓGICO ATRAVÉS DA MÚSICA NA IGREJA

IJUÍ/RS
2017

ANA KARENINA MAIA BARBOSA

O ENSINO TEOLÓGICO ATRAVÉS DA MÚSICA NA IGREJA

Monografia apresentada para cumprir as exigências da disciplina de Teologia de TCC II do curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ/RS

SETEMBRO/2017

O ENSINO TEOLÓGICO ATRAVÉS DA MÚSICA NA IGREJA

Autor(a): **Ana Karenina Maia Barbosa**

Orientador(a): **Ma. Hariet Wondracek Küger**

Avaliador da Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

Avaliador (a) Final: **Dra. Mônica Pinz Alves**

Aprovada em ___/___/___

IJUI/RS

SETEMBRO/2017

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA MÚSICA A PARTIR DA BÍBLIA	7
1.1 O primeiro cântico de Moisés	7
1.1.1 Declarações a respeito de Yaweh (1 – 3)	8
1.1.2 Declarações relacionadas às ações de Yaweh (4 – 12).....	10
1.1.3. A reação dos povos	12
1.2 O último cântico de Moisés.....	12
1.2.1 A doutrina deve ser ensinada de forma agradável (Dt 32. 1-3)	13
1.2.2 As características do Deus de Israel	14
1.2.3 A Lembrança dos Atos de Israel	15
II – PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA NA MÚSICA.....	17
2.1 Principais teóricos	18
2.1.1 Teoria cognitiva de Piaget (1986 – 1980).....	18
2.1.2 Teoria do aprendizado de Vygotsky (1896 – 1934).....	20
2.1.3 Henri Wallon (1879 – 1962)	21
2.2 Pedagogia cristã.....	23
III - O ENSINO BÍBLICO APLICADO ATRAVÉS DA MÚSICA.....	27
3.1 Empecilhos para o ensino efetivo através da música na igreja	29
3.1.1 Letras sem inspiração bíblica	29
3.1.2 Erros de interpretação bíblica	31
3.1.3 Falta de definição de Deus como sujeito principal	33
3.2 Condições para um ensino eficiente através da música.....	34
REFERÊNCIAS	40

RESUMO

A música esteve presente em vários momentos ao longo da história. Ela já foi jingle, slogan, foi usada nas batalhas como estímulo aos soldados, na adoração aos deuses e também nas calçadas em inúmeros movimentos revolucionários. É usada nos rádios e inúmeros meios de comunicação para influenciar tanto positiva quanto negativamente, pois é formadora de opinião. Foi a música que impulsionou o povo de Israel a celebrar e comemorar a vitória diante da trágica derrota de faraó.

Através de música, Moisés pode influenciar toda uma nação deixando um legado e um canto didático como um verdadeiro presente para o povo. Deixou uma mensagem cantada para que o povo cantasse e se lembra-se dos grandes feitos de Yaweh. O interessante no ensino de Moisés foi a forma como aplicou seus ensinamentos. O povo absorvia melhor tudo o que era passado através de prosa, e Moisés assim o fez. Compreender o tipo de linguagem a ser aplicada na hora do ensino, de fato, faz com que todo o aprendizado seja absorvido mais facilmente.

O ensino vai muito além das palavras. Se não houver um alvo a ser alcançado, todo planejamento será jogado fora. Entretanto, uma vez que a educação cristã começa a desenvolver o aprendizado e estimular as diversas áreas da vida, seu objetivo é alcançado. Para tal, a música é um forte aliado no que se refere a estimular o ensino-aprendizagem. Através da música se pode alcançar todas as faixas etárias.

A música tem uma grande proporção na liturgia cristã. Ela é muito importante no ensino eclesial, visto que através dela se pode ensinar as doutrinas e ensinamentos bíblicos. Para tanto, as músicas, letras e o poder que nelas contém, devem ser usadas com um único propósito indissolúvel: adorar a Deus de forma cantada.

INTRODUÇÃO

A música tem sido importante aliada em vários segmentos do ensino secular. Não é por acaso que ela é usada em terapias, na expressão artística, nas escolas entre outros. Ela faz parte de momentos marcantes e, dificilmente, encontra-se alguém que não se identifique com algum estilo musical.

Cada vez mais as igrejas têm cantado nos cultos músicas que não possuem profundidades bíblicas. A falta de profundidade teológica nos cânticos e a falta de senso crítico na análise das músicas tem permitido que as igrejas da atualidade seguidamente cantem músicas vazias, sem relevância espiritual e com ensinamento bíblico superficial.

Sendo assim, uma pergunta se torna importante: Como transformar a música na igreja em instrumento funcional para o ensino bíblico? Junto a esta questão surgem outras: O que a Bíblia declara a respeito? Como se pode evitar que erros de interpretação bíblica entrem na igreja através do que é cantando?

Esta pesquisa faz uma análise, a partir de pesquisa bibliográfica, sobre história da música no Antigo Testamento. Utiliza livros e artigos sobre música na Bíblia, história eclesiástica, ensino religioso, assim como, textos bíblicos relacionados com o tema, comentários bíblicos e livros na área de música na Igreja.

Para responder a estas questões, o presente trabalho apresentará, no primeiro capítulo, uma análise de termos do primeiro e do último cântico de Moisés. O principal objetivo do profeta era deixar um cântico para que o povo não se esquecesse das doutrinas de Yaweh. Todas as vezes que o povo pecasse e se afastasse de Deus, este cântico seria como um manancial no intuito de trazer o povo de volta, promover o arrependimento e a reconciliação. A maneira como Moisés ensinou foi bastante didática. Esta sensibilidade no ensino foi fundamental no processo de aprendizagem do povo.

A proposta do segundo capítulo é abordar as principais teorias cognitivas de Jean Piaget, teorias da aprendizagem de Lev Vygotsky e a teoria do desenvolvimento humano de Henri Wallon, pois, a partir destas, entende-se melhor o processo de ensino aprendizagem, já que as mesmas têm como principal objetivo estudar o desenvolvimento do conhecimento desde a infância até a fase adulta. Uma vez

entendidos esses processos, esta pesquisa desenvolverá de maneira prática uma aplicação de cada autor na pedagogia cristã com o objetivo de desenvolver um processo de ensino através das letras das músicas.

No terceiro capítulo será abordado o ensino bíblico através das músicas cantadas nas igrejas. Observa-se que no lugar do ensino teológico, encontram-se as experiências, os desejos e os objetivos pessoais. Dessa maneira, a música não atinge o seu principal alvo no culto que é ensinar as doutrinas bíblicas. O desvio teológico se dá pela falta de compreensão bíblica aliada a interpretação individual. Frequentemente, observa-se que os cânticos atuais deixaram de lado as escrituras sagradas, passando a cantar experiências de vida e interpretações bíblicas com base em uma teologia pessoal, sendo esse o principal problema dos desvios.

A maneira mais eficaz de combater os desvios se dá a partir do momento em que as músicas cantadas nas Igrejas passam a conter a Palavra do Senhor, promovendo entendimento e edificação da alma. Não devem deixar dúvidas quando ao seu conteúdo e nem na linguagem. As avaliações das letras devem passar por uma rigorosa análise teológica, onde o ensino da palavra de Deus deve ser apresentado de forma clara e didática.

I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA MÚSICA A PARTIR DA BÍBLIA

Serão abordados neste capítulo os dois cânticos de Moisés, que marcaram momentos importantes de seu ministério junto ao povo de Israel: a passagem pelo Mar Vermelho e o cântico antes de sua morte. Ambos contêm ensinamentos importantes que deveriam ser constantemente lembrados por todos, que ressaltam o valor da memorização dos atributos e dos feitos de Deus, bem como suas ordens em relação às formas de adoração e vida diária.

1.1 O primeiro cântico de Moisés

O texto de Êxodo 15 é imprescindível no que tange ao ensino através da música. Além de ser o primeiro cântico estruturado e completo registrado na Bíblia, Matthew Henry diz que “é um cântico santo para a honra de Deus, para exaltar o seu nome e celebrar o seu, e somente o seu louvor, pois nem mesmo minimamente magnifica a algum homem.”¹

Nessa primeira narrativa, ao cantar, Moisés ensina o povo a dar ações de graças a Deus através da música. O povo ainda não havia se expressado através dela, mas ao ouvir o cântico de Moisés, o fez junto com seu líder. Conduzido por Miriã, o povo louva a Deus com um cântico nunca ouvido antes. “Os gemidos e clamores dos israelitas (Ex 14.10-12) transmutaram-se em adoração, conforme foram conduzidos por Moisés (Ex 15.1-18), e pela sua irmã Miriã (Vss 19-21), em louvores triunfais ao Senhor”.²

Conforme Paul MacCommon, este cântico “Foi acompanhado de instrumentos e de uma responsiva antifona, dirigida por Miriã, irmã de Moisés.”³ Antigamente, não havia hinário, nem pastas para arquivar as músicas. O método de ensino mais utilizado para que a congregação aprendesse as canções era o canto antifônico, que ensinava as estrofes de maneira alterndada, utilizando o método da repetição.

¹ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 93.

² CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Número**. 2 ed. São Paulo: Hagnos, V1, 2001. p. 366.

³ MACCOMMON, Paul. **A música na Bíblia** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963. p 18.

Moisés ensina o cântico através de poesia, que era um estilo de linguagem muito utilizado e comum da época. Carson diz que “significativamente, a narrativa muda de prosa para poesia. O linguajar elevado da poesia transmite melhor do que a prosa os pensamentos e sentimentos dos Israelitas.”⁴ MacCmoon complementa dizendo que “no ensino e na direção dos cânticos requeria um líder, solista, ou um coro para cantar versos de um salmo, seguido pela resposta da congregação com o mesmo verso ou o seguinte.”⁵ Havia situações em que homens e mulheres intercalavam responsivamente. Sem dúvida, a participação do povo era muito importante.

O hábito de cantar parece ter sido aprendido no Egito, durante os anos de escravidão. MacCmoon ressalta que “sem dúvida, o povo judaico foi, grandemente, influenciado pela música do Egito e da Assíria, tendo, essas duas nações, atingido considerável desenvolvimento nesta arte.”⁶

Há várias declarações importantes neste cântico, que o povo não deveria esquecer. A música foi utilizada como veículo de ensinamentos importantes, que alguns comentaristas bíblicos separam por assuntos, para facilitar a compreensão e entendimento do leitor.

1.1.1 Declarações a respeito de Yaweh (1 – 3)

Logo no início do texto, Moisés louva a Yaweh e o exalta por tudo o que Ele havia feito pelo povo. Ele descreve nas frases do cântico algumas declarações a respeito de seus atos poderosos. Nos primeiros versículos deste cântico, Moisés ensina ao povo quem Deus é e como Ele é. Richards aponta que “o cântico exalta a pessoa de Deus, recapitula os feitos do Senhor e o exalta para que todos vejam quem Deus é de fato: ‘aquele que está presente conosco’”⁷.

⁴ CARSON, D. A. **Comentário Bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p 168

⁵ MACCMMON, 1963. p 118.

⁶ MACCMMON, 1963. p 116.

⁷ RICHARDS, Lawrence. **Comentário Bíblico do Professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Editora Vida, 2004. p 103.

Ao saírem do Egito, o povo recebeu forças vindas de Deus para seguirem em frente, conforme a ordenança de Yaweh. Deus era o cântico que os lábios do povo entoavam, e foi essa a maneira que Moises encontrou para entoar o nome de Deus. (Ex 15.2) Esta é uma declaração importante: Deus era o motivo do cântico. Não havia dúvidas a respeito daquilo que Yaweh poderia fazer. Essa confiança no Senhor os encorajava. No versículo dois, diz “O Senhor é a minha força e o meu cântico”. Essa certeza de que Deus estava com eles era o que os motivava a exaltar a Yaweh. Broadman relata que “evidentemente, o Senhor é o sujeito do cântico ou a causa do regozijo.”⁸

Moisés tinha convicção de que nem ele e nem o povo poderiam lutar contra o exército egípcio, mas sua confiança estava no Senhor, que daria vitória ao seu povo. Tudo foi obra do Senhor. Devido a esta convicção, aparecem no texto várias declarações a respeito de quem Deus é. Vários títulos e qualidades divinas são exaltadas a partir de então.

A começar do versículo 3, Deus é chamado de “Homem de guerra”. Champlin afirma que “Yaweh é um guerreiro que confere vitória ao Seu povo, em tempos de aflição.”⁹ Desta forma, reconhece que quem guerreou não foi o povo, mas o próprio Senhor. Os créditos são dados a Ele, e não a Moisés ou outros líderes que ali estavam. Nesta declaração, também se pode deduzir que, se Deus é “homem de guerra”, estará lutando sempre ao lado de seu povo, para o defender. Deste pensamento surge que Deus é força. Assim, Meyer afirma que Deus “é Força no dia da batalha, cântico na vitória; salvação sempre”.¹⁰

Moisés e o povo viram a mão do Senhor fazendo coisas tão grandiosas, que o deixaram maravilhados. O propósito de Wiersbe ao falar acerca do uso de características antropomórficas, é descrever os atributos de Yahew. Segundo ele, “os

⁸ ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**: Velho testamento. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p 462.

⁹ CHAMPLIN, 2001, V1. p. 366.

¹⁰ MEYER, F.B. **Comentário bíblico**. Trad. Amantino Adorno Vassão. 2 Ed. Belo Horizonte: Betânia, 2002, p. 80.

cantores declaram que sua destra é gloriosa em poder, sua majestade lança por terra os inimigos e sua ira os consome como o fogo que queima o restolho.¹¹

Há uma relação amorosa também entre Deus e Moisés, que aparece no v.2: “Ele é o meu Deus (...) e o Deus de meu pai” (Ex.15.2b). Esta relação é nova para o povo, e está baseada nos patriarcas que, durante seus momentos difíceis, sempre afirmaram o Deus que os pais conheciam. Cole relata que: “Moisés não traz perante seu povo um deus novo ou estranho, mas uma revelação mais completa daquele a quem já conheciam.”¹² O próprio Deus, ao se apresentar a Moises no episódio da sarça ardente (Ex 3.) ressaltou que “Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó” (v. 6). Moisés estava ressaltando este fato: era o mesmo Deus que estava com o povo na batalha.

1.1.2 Declarações relacionadas às ações de Yaweh (4 – 12)

Nesse momento, Moisés relembra ao povo tudo aquilo que Deus havia feito e ressalta a importância desses fatos. Moody diz que Moisés “começa descrevendo em poucas palavras, mas de maneira completa a ruína do exército de faraó.”¹³ Champlin diz que “os dez prodígios mais libertadores foram todos grandes em seus efeitos, visando o bem comum. Mas o clímax de todos esses prodígios foi a intervenção divina no mar de Juncos.”¹⁴

No versículo seis, a frase “A tua destra” diz que essa mão “representa poder e posição de honra”¹⁵. Earl Radmacher, Ronald Allen e H. Wayne House dizem que esta é uma “maneira de descrever a potente e ativa presença divina entre os israelitas. Deus não libertou Israel de longe; Ele desceu para agir junto a Seu povo (Êx 3.8).”¹⁶

¹¹ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: Pentateuco. Tradução Suzana E. Klassen. Santo Andre: Geográfica, 2006, V 1. p. 269.

¹² COLE, R. Alan. **Êxodo**: introdução e comentário. Trad. Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1963. p 63.

¹³ PFEIFFER, Charles F. **Comentário Bíblico MOody: Gênesis à Malaquias**. Vol 1. Tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2010. p 89.

¹⁴ CHAMPLIN, 2001. V 1. p. 366.

¹⁵ CHAMPLIN, 2001. V 1. p. 366.

¹⁶ RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald e HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais** - A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro, 2010. pags 153-154.

Na verdade, grande parte do cântico descreve o que Deus fez. A partir do v. 4, começa a descrição: Deus lançou ao mar os carros de guerra, junto com o exército de Faraó. Morreram os melhores oficiais egípcios, que foram “despedaçados” (v. 5, NVI). Houve um “furor flamejante”, que queimou os inimigos como palha (v.7). Parece um paradoxo no cântico, pois queimar em meio à água é difícil, o que mostra que o poder de Deus não tem limites.

Deus também agiu sobre as águas, amontoando-as e paralisando-as como uma muralha (v.8). Significa que, para Deus, fogo ou água estão nas suas mãos, e servirão de meio para demonstração de seu poder e para a realização dos seus propósitos junto ao povo escolhido para ser berço do Salvador.

“O resfolegar das narinas de Deus foi o vento que soprou e dividiu as águas, segurando-as de modo que se erguessem como muros. Quando, com toda a sua arrogância, os soldados egípcios pensaram em alcançar os hebreus, Deus simplesmente soprou, as águas voltaram a seu lugar e afogaram o exército. Que Deus poderoso é o Senhor!”¹⁷

No versículo nove, Moisés ensina e adverte o povo a respeito do inimigo. O exército egípcio saiu de Israel determinado a matar todos os israelitas. Haviam esquecido as perdas que tiveram em decorrência das pragas. Champlin diz que eles “se indignaram e saíram a guerrear contra Israel com espadas desembainhadas, armados de dardos, seus cavalos resfolegando, seus carros de combate ribombando, seus soldados gritando por vingança.”¹⁸ Vê-se a resposta de Deus no versículo 10 “Sopraste com o teu vento” , pois, quando Yaweh manifesta seu poder através do vento e da água, não há quem lhe resista. Deus que controla tudo, destrói o inimigo completamente.

Há um desafio inserido no v. 11: quem poderá ser semelhante a Deus? Os atos do Senhor são terrivelmente poderosos e gloriosos. Na verdade, Moisés afirma que são atos maravilhosos. Wiersbe afirma que: “A resposta, obviamente, é que não há ninguém como o Senhor, pois nenhum outro ser no Universo é glorificado em

¹⁷ WIERSBE, 2006, P. 269.

¹⁸ CHAMPLIN, 2001. p. 366.

santidade, terrível em feitos gloriosos, que opera maravilhas¹⁹. Para o povo, era muito importante ensinar que não haveria Deus que pudesse sobrepujar o poder de Yaweh.

1.1.3. A reação dos povos

A partir do versículo 14, Moisés ensina a respeito do poder de Deus e a maneira como os outros povos reagiram em relação às ações de Yaweh. Nesse versículo há algumas referências às tribos cananeias que habitavam na Palestina, conforme Champlin menciona. ²⁰ Os povos temiam por saber que o povo de Israel havia enfrentado o Egito sob a liderança de Yaweh. Moisés, mais uma vez, fala acerca da destra do Senhor. Deus é poderoso e ninguém pode contra Deus, nem mesmo os inimigos de Israel.

Na realidade, o desafio iniciado no v. 11 continua. Os povos citados (Edom, Moabe, Canaã) deveriam saber que Israel era o povo do Deus Todo-Poderoso. E deveriam ter medo de verdade.(v.16) Havia um plano que deveria se cumprir: o povo de Israel seria “plantado” no lugar estabelecido por Deus (v.17). Ninguém seria capaz de obstruir este plano.

As nações de Canaã ficariam mudas como pedras, quando os exércitos israelitas conquistassem a terra e as tribos se apropriassem de sua herança. Deus os tirou do Egito para levá-los a Canaã e plantá-los em sua própria terra (Sl 44:2; 80:8, 15; Is 5)²¹.

Desde então, fica claro que Deus se estabelece além das fronteiras políticas, pois é Deus que reinará “eternamente” (v.18). Este texto enfatiza a grandeza e a soberania de Deus.

1.2 O último cântico de Moisés

O último cântico de Moisés tinha como propósito ensinar as doutrinas para o povo e glorificar a Yaweh através das letras das músicas. Como Moisés sabia do poder da música no ensino, este foi seu último recurso. Richards diz que o poema “foi escrito para ser ensinado ao povo e para que, após memorizado e cantado, com

¹⁹ WIERSBE, 2006, p. 269.

²⁰ CHAMPLIN, 2001. p. 366

²¹ WIERSBE, 2006, p. 269.

frequência, os lembrasse das necessidades pessoais com o Senhor.²² O canto era a maneira que Moisés achou para fazer com o povo lembrasse os feitos de Yaweh. Broadman afirma que “o poema foi separado de seu contexto litúrgico original, tornando-se um meio para ensinar as verdades da fé Israelita”.²³

1.2.1 A doutrina deve ser ensinada de forma agradável (Dt 32. 1-3)

Existem diversas maneiras de ensinar algo a alguém ou um grupo de pessoas. Moisés escolheu a música, pois entendia que ela era a forma mais agradável para ensinar. O desejo de Moisés era fazer com que o povo lembrasse dos feitos de Yaweh, recordasse as doutrinas para não se desviar dos caminhos. O momento era tão importante que Moisés “reuniu toda a assembleia de Israel”

Segundo Moody, o hino representava o ensinamento de Moisés. “O hino representava verdadeira sabedoria, porque o seu tema é o temor do Senhor, o grande Deus de Israel.”²⁴. Meyer afirma que “a primeira parte do cântico é repassada de afeto. Nós somos a porção de Deus; a menina dos seus olhos; como filhotes de águia, aos quais a mãe está cuidadosamente ensinando a voar.”²⁵

Esses três versículos fazem a chamada para o ensino. Carson diz que “esse cântico funcionara como um tipo de testemunha da aliança que foi feita.”²⁶ A chamada de Deus começa com o apelo “Escuta”.(Dt 21.1) As palavras seriam tão importantes, que céu e terra deveriam escutar. Entretanto, não seria uma torrente de águas destruidoras, mas uma suave chuva, como a “chuva serôdia”. Earl Radmacher, Ronald Allen e H. Wayne House afirmam que: “A chuva serôdia em Israel caía na primavera e proporcionava crescimento às plantas. Quando a chuva se adiantava, caía no outono, amaciando o solo para o plantio²⁷”. Depois disto, com a calma de que o manso Moisés mantinha, os ensinamentos mais importantes foram sendo recitados em cântico, para que Israel jamais os esquecesse.

²² HENRY, 2002. p 189

²³ BRADOMAN, 1986, p. 337

²⁴ MOODY, p 279.

²⁵ MEYER, 2002, p. 100

²⁶ CARSON, 2009, p. 31.

²⁷ RADMACHER, 2010, p. 1305.

1.2.2 As características do Deus de Israel

A pessoa do Senhor Deus de Israel foi ressaltada como grande em poder e Rocha (v.4) Além disto, no mesmo versículo, Moisés ensina que Deus é o perfeito, e que nunca cometeria algum erro. Diferente da falácia dos outros deuses pagãos, Deus proporcionava vida e estabilidade ao seu povo. Radmacher complementa, dizendo:

“Como uma Rocha firme que permanece inabalável diante das águas furiosas de um mar revoltado, o Senhor e Sua obra continuam sólidos perante o caos produzido pelas vidas em pecado. O Todo-poderoso é a fundação segura de toda verdade num mundo decadente. Além disso, Ele nunca deixará as mentiras corromperem a justiça (Sf 3.5). Ao contrário, como um juiz justo e reto, protegerá os oprimidos”.²⁸

Outra novidade a respeito de Deus é que Ele é apresentado como CRIADOR (v.6). Todos os povos estão sob seu domínio, o que ultrapassa a ideia vigente na época do Deus territorial ou Deus tribal (apenas de um povo). Em concordância, Champlin complementa: “Yahweh era tanto o Pai da redenção, que chamou Seu filho para fora do Egito (ver Êx. 4.22), como também o Criador, que criou o homem e lhe deu existência e vida, estabelecendo-o em uma vida boa e em meio ao bem-estar.”²⁹

Mas Deus, dentre todos os povos, escolheu Israel (v.9). Assim, Deus tem protegido o povo, cuidando-o e guardando-o como “a menina dos seus olhos” (Dt 32.10). Beacon afirma que “Deus está constantemente cuidando de Israel, sua imagem está refletida na pupila dos olhos divinos.”³⁰

O Senhor também sempre defenderá o seu povo, na presença de deuses estranhos (v.36). Tem poder sobre a vida e a morte, pois é único (n v. 39)

²⁸ RADMACHER, 2010, p. 354.

²⁹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juizes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis. 2 ed. São Paulo, Hagnos, 2001, v. 2, p. 878.

³⁰ LIVINGSTON, George Herbert; COX, Leo G.; KINLAW, Dennis F.; BOIS, Lauriston J. Du.; FORD, Jack; DEASLEY, A.R.G. **Comentário Bíblico, Beacon**. Trad. de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro, CPAD, 2005, p. 485.

1.2.3 A Lembrança dos Atos de Israel

O povo também não deveria esquecer-se de seus próprios atos. Isto significa que o cântico também serviria para trazer à lembrança momentos em que houve acontecimentos que trouxeram lições importantes para a forma de viver assumida como povo escolhido de Deus.

O cântico relembra momentos vergonhosos e corruptos (v.5) em que o povo agiu com ingratidão ao seu Deus (v.6). O problema parece ter sido que a nova geração não havia recebido de seus pais a informação dos atos de Deus, e assim não souberam reconhecer seu agir poderoso na história da libertação do povo (v.7). O cântico desafia os filhos a perguntarem a seus pais como foi sua história.

“Lembra-te dos dias da antiguidade’ é a mesma coisa que dizer: ‘Na história há sabedoria e instrução’. O desafio para Israel lembrar-se e arrepende-se figura por nada menos de quinze vezes no livro de Deuteronômio. A primeira instância ocorre em Deu. 4.10, e a última ocorre neste versículo. Ver também Deu. 5.15; 7.18; 8.2,18; 9.7,27; 15.15; 16.3,12; 24.9,18,22; e 25.17. Cf. Apo. 2.5 e 3.3. O homem caído precisa lembrar seu estado anterior, melhor que o atual, buscando assim a restauração. O pecador precisa lembrar a palavra que ele tem recebido, retornando assim aos seus primeiros princípios.”³¹

O povo também deveria lembrar que foi alimentado pelo próprio Deus (v.12-14). Mas mesmo assim, abandonou o seu Deus (v.15):

“Deus supriu os israelitas com plantações, boa comida, azeite de oliva e até mesmo laticínios na Terra Prometida, de acordo com as expressões comer as novidades do campo, chupar mel e azeite. Em suma, o Altíssimo proporcionou tudo aquilo que as pessoas não tiveram no deserto. A gordura da flor do trigo e o vinho puro, símbolos da misericórdia de Deus, também foram concedidos a Israel.”³²

Outro ato abominável do povo de Israel, lembrado no cântico é a idolatria e o culto a deuses estrangeiros e a demônios (v.17). Foram rebeldes e desobedientes. Desta forma, provocaram a ira de Deus, que é lembrado em suas ameaças no mesmo cântico (v.22-. As ameaças a Israel se misturam com as ameaças a todos os povos idólatras (v.23-35).

³¹ CHAMPLIM, 2001, p. 878

³² RADMACHER, 2010, p. 355

“O próprio versículo à nossa frente testifica quanto à exatidão dessa interpretação. As divindades têm como paralelo as palavras ‘deuses’ e ‘novos deuses’, ou seja, aqueles que os israelitas encontraram ao entrar na Terra Prometida e por cuja adoração deixaram -se seduzir. Por conseguinte, temos aqui não uma advertência que os demônios (no sentido que em prestamos a essa palavra) estejam por trás da adoração a deuses falsos”.³³

Interessante ressaltar que os erros do povo de Israel também não devem ser esquecidos, pois são lições para a vida presente e futura. Assim, os castigos provenientes de pecados devem ser ensinados para todos, pois Deus é um Deus justo. Não há este hábito nos cânticos atuais, mas os cânticos da Bíblia são bastante enfáticos ao lembrar que os pecados do passado servem de lição para o presente, em relação a suas consequências.

Percebe-se que a música foi largamente utilizada na Bíblia como forma de ensino de parâmetros importantes para a vida do povo de Deus. Os cânticos de Moisés, analisados no capítulo um são o exemplo disso. Há um grande potencial de memorização de mensagens, quando estas estão vinculadas à utilização da música ativa, pois esta fornece rico veículo de informações.

Assim, o próximo capítulo abordará os princípios da pedagogia da música, que justificam seu uso atual como coadjuvante no ensino das verdades bíblicas para a geração atual. Vários teóricos da pedagogia reconhecem seu valor, e serão estudados em sua relação com o ensino da Palavra de Deus.

³³ CHAMPLIN, 2001, p. 879.

II – PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA NA MÚSICA

A música tem o poder de inspirar pensamentos e emoções, motivar ações e atitudes. Para alguns, música é uma arte que inclui as teorias filosóficas e belas³⁴; Para outros, são sons vocais ou instrumentos com ritmo, harmonia e melodia. A música faz parte do dia a dia de todos, dando cor ao silêncio. É uma das formas de expressar feitos e alegrias da alma. Isso é arte!

A música proporciona diversos tipos de estímulos dentre eles sensorial, emocional, intelectual e motor. Além do mais, pode ser usada como disciplina paramédica, musicoterapia, contribuindo no avanço da recuperação física e mental do indivíduo.³⁵ Allen e Borrer afirmam que o poder da linguagem musical através de estímulos da emoção e da mente tem um poder singular a qualquer outro meio de comunicação. Para os autores, palavras isoladas são muito importantes, mas a junção das palavras, associada a uma melodia, tem a capacidade de penetrar na mente e na consciência do indivíduo.³⁶ Tessmann afirma que:

“Uma das finalidades da música é que ela facilita o entendimento das mensagens nela contidas. É por esta razão que ela vem sendo largamente usada em propagandas, jingles, hinos cívicos, escolas etc. É muito mais fácil memorizar uma mensagem quando ela vem acompanhada de melodia e ritmo. Empresas tem atraído mais e mais clientes utilizando estratégias envolvendo a música.”³⁷

Existem diversos fatores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário entender a construção pedagógica de cada indivíduo para que o ensino da música seja eficiente. Aprender é ser capaz de realizar algo nunca feito antes, como, por exemplo, andar, falar, ler, escrever ou aprender uma língua nova. Nesse processo pode-se dizer que o aprendizado se caracteriza por uma mudança no comportamento de cada indivíduo, conforme a sua experiência, ou seja, o indivíduo

³⁴ CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**.. São Paulo: 3 Ed, Candeia, V 4, 1995, p. 420.

³⁵ ZAMPRONHA, Maria de Lourde Sekeff. **Da música, seus usos e recursos**. 2 ed. Ver. e ampliada. São Paulo: UNESP, 2007, p. 17.

³⁶ ALLEN, Ronald; BARROR, Gordon. **Teologia da adoração**. Trad. Elias Moreira da Silva, Luci Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 154.

³⁷ TESSMANN, Ramon. **Louvor e adoração: um desafio para a igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: JUERP, 2002, p. 26.

se desenvolve ativamente no processo de aprendizagem.³⁸ Alguns aprendem através da repetição, outros pelo ouvir ou até mesmo através do convívio. Existem muitas teorias para explicar o processo de aprendizagem.

2.1 Principais teóricos

Serão abordadas as teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon tendo como foco suas principais teses relacionadas ao ensino de forma geral. Na música, aplicam-se estas teorias pelo fato de que respeitam o conhecimento geral da pessoa anterior ao contato com o objeto do ensino, seu potencial e sua memória afetiva.

2.1.1 Teoria cognitiva de Piaget (1986 – 1980)

Para Piaget, o processo de aquisição de conhecimento contribui para a compreensão de conceitos educacionais a respeito da aprendizagem através de estímulos oferecidos pelo ambiente e através das atividades que desenvolvem. Apresenta alguns fatores que contribuem para o desenvolvimento cognitivo: O fator biológico, os exercícios e as experiências adquiridos, as trocas sociais que ocorrem por meio do uso da linguagem e da educação e o processo de assimilação mais o processo de acomodação.³⁹ “Segundo Piaget, a inteligência tem uma base biológica, mas também depende das ações do sujeito sobre os objetos, numa relação entre estruturas internas e meio externo, num processo de construção.”⁴⁰

Sua teoria afirma que todo ser vivo, seja um cachorro, um homem ou uma bactéria sempre buscam manter um certo estado de equilíbrio com o meio em que está inserido. A noção do equilíbrio é algo que o autor considera muito importante. Tudo o que é novo para o indivíduo, estimula a cognição. O novo provoca o desequilíbrio, que, por sua vez, estimula a cognição fazendo com que o indivíduo evolua para um novo estado de equilíbrio. Piaget afirma que:

“Dois mecanismos são acionados para alcançar um novo estado de equilíbrio. O primeiro recebe o nome de assimilação. Através dele o organismo – sem alterar suas estruturas – desenvolve ações destinadas a atribuir significações, a partir da sua experiência anterior,

³⁸ ZAMPHRONHA. 2007. p. 146.

³⁹ LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas de aprendizagem**. 2 ed. Ver e atual. Curitiba: Ibpex, 2008, p 30 - 31.

⁴⁰ GRASSI, tania Mara. **Psicopedagogia: um olhar, uma escuta**. Curitiba: InterSaberes, 2013, p. 44.

aos elementos do ambiente com os quais interage. O outro mecanismo, através do qual o organismo tenta restabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente, é chamado de acomodação. Agora, entretanto, o organismo é impelido a se modificar, a se transformar para se ajustar às demandas impostas pelo ambiente.”⁴¹

Sendo assim, na medida em que ela reinventa seu mundo, ocorre o desenvolvimento de sua inteligência. Seu desenvolvimento se dá a partir do seu contato direto com o meio em que vive. Esse contato é essencial para que seu desenvolvimento ocorra de modo constante e progressivo. Segundo Lakomy, o processo é a:

“Melhor adaptação ao meio. Assim quando a criança se encontra em uma nova situação, instala-se uma situação de desequilíbrio. A criança, então, procura novos esquemas ou formas para lidar com essa situação (que envolve uma crescente transformação das suas ações) para, assim, adaptar-se e voltar a um novo estado de equilíbrio”.⁴²

Isso acontece naturalmente quando se canta uma música nova na igreja. Muitas são as pessoas que ficam apenas observando e buscando assimilar essa novidade. Esse contato direto com a nova música faz com que ele, uma vez que ainda não conhece a letra, fique apenas ouvindo e, aos poucos, vai interagindo com a melodia conforme vai memorizando a letra. O processo é lento, entretanto, uma vez que essa melodia for cantada outra vez, o ouvinte terá uma maior participação e melhor interação na música. Ainda há um outro processo que Piaget considera muito importante que complementa o desenvolvimento cognitivo, cooperando na construção da inteligência. São eles: assimilação e acomodação. Claudia Davis e Zilma de Oliveira revelam que:

“Através da assimilação, o organismo desenvolve ações destinadas a atribuir significações, a partir da sua experiência anterior, aos elementos do ambiente com os quais interage. O outro mecanismo, através do qual o organismo tenta restabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente, é chamado de acomodação. Agora, entretanto, o organismo é impelido a se modificar, a se transformar para se ajustar às demandas impostas pelo ambiente. Embora assimilação e

⁴¹ DAVIS, Claudia; Zilma de Moraes Ramos. **Psicologia da educação**. 2 Ed. Revisada. São Paulo: Cortez, 1994, p. 38.

⁴² LAKOMI, 2008, p. 32.

acomodação sejam processos distintos e opostos, numa realidade eles ocorrem ao mesmo tempo”.⁴³

Pode-se recordar o processo de aprendizagem da música citada anteriormente. Uma vez que a pessoa aprende a música, ocorre a assimilação, à medida em que ela ouve a letra e, em alguns trechos, começa a cantar junto com a banda. Contudo, a acomodação também se faz presente, pois, conforme ocorre a repetição, a pessoa já fica preparada para o retorno daquele trecho, conseguindo alcançar o equilíbrio nas partes já assimiladas e retomando o processo em outros trechos ainda não acomodados. Em complemento a essa teoria, encontra-se Vygotsky, que vai além do contato direto com o meio ambiente, visto que, para ele, as relações sociais têm papel determinante no processo de aprendizagem.

2.1.2 Teoria do aprendizado de Vygotsky (1896 – 1934)

Segundo ele, a pessoa não é apenas ativa em relação ao meio ambiente, mas interativa. Seu destaque está relacionado ao contato que o indivíduo tem com o ambiente e ao acesso a instrumentos físicos como cadeira, colher, garrafas; e simbólicos como tradições, valores, informações culturais ou costumes vindos de gerações passadas. Sua aprendizagem e conhecimento se valem através do relacionamento intrapessoal e interpessoal e de seu contato com instrumentos físicos ou simbólicos. Essas relações sociais têm um papel fundamental na aprendizagem e no desenvolvimento da pessoa. Vygotsky acreditava que:

“A aprendizagem vem antes do desenvolvimento, sendo, então, necessário trabalhar sobre a zona de desenvolvimento proximal, que representa a distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial, isto é, entre o que a criança é capaz de fazer sozinha e aquilo que quase consegue fazer sozinha, precisando ainda da ajuda de um adulto ou de uma criança mais experiente, ou seja, de um mediador (Fontes, 2006. P. 60-61)”.⁴⁴

A linguagem utilizada entre o adulto e a criança cooperam de forma substancial na evolução da criança, e esse processo de interação desempenha um importante papel na formação e na organização de sua mente. “O pensamento infantil, amplamente guiado pela fala e pelo comportamento dos mais experientes,

⁴³ DAVIS, 1994, p. 38.

⁴⁴ GRASSI, 2013, p. 48.

gradativamente adquire a capacidade de se autorregular.”⁴⁵ O mediador é a peça fundamental nesse desenvolvimento. Sendo assim, desenvolvimento proximal é:

“[...] A distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver de modo independente um problema e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz”.⁴⁶

O desenvolvimento integral está diretamente relacionado com sua integração em um grupo comum. Por exemplo, uma pessoa que não se relaciona com pessoas alfabetizadas, possivelmente, não aprenderá a ler ou escrever. De igual modo, quando uma igreja não ensina doutrinas bíblicas, conceitos e padrões de vida cristã, dificilmente o cristão desenvolverá esse conhecimento, já que não há interação mútua com a igreja. “Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento”⁴⁷, tendo como ponto principal a interação da pessoa com a comunidade em que vive.

“A distância entre aquilo que ela é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza aquilo que Vygotsky chamou de “zona de desenvolvimento potencial ou proximal. Neste sentido, o desenvolvimento da criança é visto de forma prospectiva pois a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário”.⁴⁸

Assim sendo, para que ocorra um aprendizado no modo Vygostkyano, uma igreja deve entender que as interações contribuem de maneira direta para o desenvolvimento e aprendizagem. A música contribui de forma substancial nesse processo, visto que é um meio para promover interação de quem ensina com quem aprende.

2.1.3 Henri Wallon (1879 – 1962)

Segundo Wallon, questões de afetividade também devem ser consideradas no processo de ensino e não apenas o cognitivo. “É essa relação da criança com o

⁴⁵ DAVIS. 1994, p. 49.

⁴⁶ CASTORINA, A. José; Mario Carretero. **Desenvolvimento cognitivo e educação**: os inícios do conhecimento. Trad Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 71.

⁴⁷ REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 15.

⁴⁸ REGO, 2012, p. 16.

seu meio, uma relação recíproca, complementar entre fatores orgânicos e socioculturais. Essa relação está em constante transformação e é nela que se constitui a pessoa.⁴⁹ Há uma escassez muito grande no que se refere a estudos que tenham como foco a afetividade na educação. Wallon desenvolve alguns importantes conceitos em sua teoria do desenvolvimento. Ele priorizou “o processo de integração dos conjuntos funcionais (afetivo, cognitivo, motor e pessoa); concepção afetividade; emoções e sentimentos; o papel da afetividade nos diferentes estágios”⁵⁰ Segundo Laurinda Ramalho e Abigail Alvarenga:

“A afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole”.⁵¹

Há quem diga que a música tem o poder de inspirar pensamentos e emoções, motivar ações e atitudes. Alguns chegam a dizer que a música tem a capacidade de criar um clima único. Quando o ser humano ouve uma melodia que o toca profundamente, isso provoca sensações únicas e o transporta para dentro do seu quarto de emoções individuais. Agora as autoras falam sobre os estímulos da emoção:

“Emoção é a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece os primeiros laços com o mundo humano e, através deste, com o mundo físico e cultural. As emoções compõem sistemas de atitudes reveladas pelo tônus (nível de tensão muscular,) combinado com intenções conforme as diferentes situações”.⁵²

A emoção é muito importante no desenvolvimento cognitivo. A mente grava mais facilmente aquilo que ela pode associar emocionalmente. Assim também é na música. Torna-se mais fácil gravar letras que têm um conteúdo emocional capaz de influenciar o ouvinte, fazendo com que ele traga à memória diversas situações que se encaixam naquela letra. As vilãs nessa história são as músicas que têm por objetivo

⁴⁹ ALMEIDA, Laurinda Ramalho; Abigail Alvarenga Mahoney. **Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 14.

⁵⁰ ALMEIDA, Laurinda Ramalho; Abigail Alvarenga Mahoney. **Afetividade e aprendizagem – contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 17.

⁵¹ ALMEIDA, 2007, p. 17.

⁵² ALMEIDA, 2007, p. 17.

provocar emoções ao invés de ensinar e confrontar. Em contrapartida, pode-se dizer que a música se firma em dois pilares: na adoração ao Senhor e no ensino da Sua palavra. A música ensina, fortalece, sustenta e salva vidas, quando suas letras falam o que a palavra de Deus diz e não quando os acordes têm a função de emocionar. Outras contribuições das autoras referem-se a:

“Sentimento, que é a expressão da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção. Tende a reprimir, a impor controles que quebrem a potência da emoção os sentimentos podem ser expressões pela mímica e pela linguagem. Paixão revela o aparecimento do autocontrole como condição para dominar uma situação. Para tanto, configura a situação (cognitivo), o comportamento, de forma a atender às necessidades afetivas”.⁵³

Quando uma informação importante entra em nossa mente, dificilmente será esquecida. “As melodias são guardadas numa região do cérebro chamada *cérebro mamal*, e mesmo que queiramos esquecer não conseguiremos. Aquela melodia estará lá para sempre”.⁵⁴ Um bom exemplo disso é quando uma pessoa passa por uma situação difícil e complicada e, nessa fase, ela adota uma música como seu refúgio. Essa música ficará marcada em sua memória para sempre, visto que fez parte de um período ruim.

Sem dúvida, há muitas contribuições de outros autores no que se refere ao ensino e sua contribuição através da música. Cada qual, em sua perspectiva contribui de forma direta para o ensino-aprendizagem do indivíduo, de acordo com a forma de aprendizado individual. A educação cristã tem por objetivo entender e aplicar cada um desses conceitos no ensino bíblico, pois ela trata do desenvolvimento integral de cada pessoa na igreja. A psicologia e a pedagogia são instrumentos fundamentais para o complemento do ensino teológico. A escolha do conteúdo programático, metodologia, entre outros conceitos importantes, devem ser estudados com responsabilidade e objetividade.

2.2 Pedagogia cristã

Há uma grande quantidade de ministros e líderes de música que não compreendem a real necessidade da inserção de uma teologia pedagógica através

⁵³ ALMEIDA. 2007, p. 18.

⁵⁴ TESSMANN. 2007, p. 34.

da música. Em função disso, há muitas igrejas perdidas no ensino bíblico dominical, sem saber o que ensinar, como ensinar e como fixar o ensinobíblico. Observa-se um ensino baseado em livros diversos com conteúdo bíblico, entretanto, o âmago do ensino, que é feito através da Bíblia, fica de lado, em consequência da falta de compreensão teológica do próprio professor.

Não muito distante disso, vê-se o período de louvor e as músicas cantadas e ministradas. Muito do que se canta gera euforia, envolve, porém pouco ensina, resultando em um momento de animação e emoção. De domingo a domingo vivem-se momentos de êxtase na hora da música, pois muitos acreditam que só ocorre o ensino na escola bíblica dominical e na mensagem pastoral. Faz-se necessário buscar soluções para que se cante com o propósito de ensinar a palavra em toda a letra de cada canção entoada. Nesse sentido, entende a necessidade de inserir o ensino pedagógico na música cristã.

É importante entender que o ensino vai muito além de palavras bem organizadas em um grupo de finalidade comum. O fato é que uma parte pode sair desse grupo sem entender nada do que fora dito. Há muita gente que acredita que só o ato de falar em uma classe gera o ensino-aprendizagem. Afinal, mesmo que o professor se esforce muito, ele pode ensinar pouco ou absolutamente nada.

A educação acontece quando há uma finalidade. Antes de mais nada, pode-se conceituar a educação cristã como sendo “todos os esforços deliberados, sistemáticos, e sustentados, pelos quais a comunidade da fé procura facilitar o desenvolvimento de um estilo cristão de vida, por parte de pessoas e grupos.”⁵⁵ O propósito básico é facilitar o entendimento bíblico, incentivar o crescimento cristão diário, nortear e fortalecer. A educação cristã envolve e estimula o aprendizado de cada pessoa visando todas as áreas, sejam elas: intelectual, emocional, espiritual ou, até mesmo, comportamental. Tudo isso se desenvolve através dos professores, da

⁵⁵ .GEORGE, Sherron K. **Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã.** São Paulo: Luz para o caminho, 1993, p.16.

música, da EBD e da mensagem. Lawrence Richard, em *Teologia da Educação Cristã*, se expressa assim:

“Considerando a função da edificação e dos dos espirituais, temos de ver que a Educação Cristã, para promover adequadamente o crescimento progressivo da vida de Cristo nos crentes, tem de tratar do Corpo como um todo! Isolar o ‘ministério educacional da igreja’ da vida geral da congregação é um erro fatal. A Educação Cristã tem de levar todos os membros do Corpo a servir uns aos outros”.⁵⁶

Segundo Cesar Moisés, “achar que estamos tendo sucesso e alcançando os alvos da educação cristã simplesmente por lidar com a Palavra de Deus é um simplismo que já não pode mais iludir os educadores cristãos”.⁵⁷ Uma pedagogia concisa no processo de ensino cristão norteará o professor para que haja eficácia no ensino. Fará com que se extinga a ideia de que aprender se dá no acúmulo de informações daquilo que entendemos em relação à Palavra de Deus. Afinal, isso não ocorre, pois, normalmente, as pessoas gravam na memória, sem nenhum tipo de reflexão, uma infinidade de assuntos, sem saber o que significam ou como aplicar em sua vida. Aprender dessa maneira é prejudicial, pois, como afirma Naura Syria Carapeto Ferreira:

“Aprender de forma medíocre é mediocrizar quem aprende, pela absolutização do conteúdo da informação, é desumanizar o ser humano na aquisição da sua ‘segunda natureza’ mediocrizada. ‘É uma semiformação’ que gera um outro tipo de ‘formação’ que bem poderia ser chamada de deformação, pois produzi a esquizofrenia pessoal e social. Tal processo, gera, realmente, uma dissociação e assintonia das funções psíquicas, disto decorrendo fragmentação da personalidade e perda de contato com a realidade”.⁵⁸

Quando a autora fala acerca da segunda natureza, ela se refere ao fato presente no processo de aprendizagem, visto que se aprende algo em função da sistematização do processo. A alfabetização é um importante exemplo de ensino-aprendizagem de forma sistêmica resultando num hábito diário. Em função disso, aquilo que fora aprendido ficará na memória permanentemente. Dermeval Saviani indica que:

“Só se aprende, de fato, quando se adquire um *habitus*, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. E isso exige tempo e esforços por vezes ingentes. A expressão segunda natureza parece-me sugestiva justamente por que nós, que sabemos

⁵⁶ GEORGE, 1993, p. 20.

⁵⁷ CARVALHO, César Moisés. **Uma pedagogia para a educação cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 26.

⁵⁸ CARVALHO, 2015, p. 28.

ler e escrever, tendemos a considerar esses atos como naturais. Nós os praticamos com tamanha naturalidade que sequer conseguimos nos imaginar desprovidos dessas características”.⁵⁹

Vê-se a maneira como Piaget respeita a fase cognitiva da criança para ensinar o que ela entende. Pensando nisso, faz-se necessário que o ensino bíblico seja feito de maneira que a igreja compreenda sem atropelar o processo. Uma maneira de ensinar é sistematizando o ensino, de maneira que todos os ministérios da igreja falem sobre a mesma coisa, provocando algo que Piaget aprova, que é o equilíbrio, gerando um aprendizado sistêmico e construtivo.

Já que, segundo Vygostky, o aprendizado vem antes do conhecimento, é importante nunca deixar a pessoa na “zona de conforto”, mas sempre levá-la a ir até a zona de conhecimento potencial. Provocar interações com outras pessoas, de modo que, através do desenvolvimento proximal, aquilo que fora ensinado seja compartilhado estimulando seu desenvolvimento potencial.

Compreender os conceitos e funcionalidades diversas da pedagogia tornará a educação cristã uma rocha no que tange ao ensino bíblico. Aplicar os conceitos em todas as áreas, inclusive na parte musical, é entender que a música é um forte aliado ao ensino, visto que, segundo Wallon, em se tratando do indivíduo que aprende através de sentimentos e emoções, não há arma melhor para se ensinar do que a música, sua letra e seus acordes funcionais.

⁵⁹ SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10 ed. Ver. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 20.

III - O ENSINO BÍBLICO APLICADO ATRAVÉS DA MÚSICA

A igreja é definida como sendo uma comunidade de louvor e adoração a Deus, conforme 1 Pedro 2.5: "...templo espiritual onde vocês servirão como sacerdotes dedicados a Deus. E isso para que, por meio de Jesus Cristo, ofereçam sacrifícios que Deus aceite". Sendo assim, a igreja de Cristo existe com a finalidade de ser uma comunidade adoradora.

Klauss Douglass diz que "a música cristã aqui na terra sempre precisa estar intimamente ligada à Palavra, se não quisermos que uma religiosidade sentimentalista, mal definida e vaga tome o lugar da fé bíblica".⁶⁰ Existe um ditado latino que diz: "Nemo dat quod no habet, ninguém dá o que não tem".⁶¹ No período da Reforma ocorre grande crescimento no que se refere ao ensino bíblico através de hinos. Segundo David Karnopp, "os hinos de Lutero surgiram das suas experiências de lutas e vitórias de fé, mas especialmente de seu conhecimento bíblico".⁶²

Stephen Winwar falou: "tanto em revelação como em resposta, a adoração deve envolver toda a personalidade do homem, o corpo e os sentidos, pensamentos e palavras, movimento e ação, como também o ouvir e o entender".⁶³ No momento de adoração a igreja é alimentada e seu entendimento também. Swindoll enfatiza que para Lutero a Reforma seria verdadeiramente eficaz se todos possuíssem uma Bíblia e o hinário, chamado Saltério na época. Tal importância se deve ao aprendizado e a um entendimento mais profundo da fé em Cristo Jesus através da Bíblia. O Saltério seria "um volume que os ajudaria a expressar com alegria e deleite a profundidade dessa fé".⁶⁴

⁶⁰ DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus**: o despertar para um novo culto. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000, p. 64.

⁶¹ SANTOS, Cássio Miranda dos. **Ensinar, verbo transitivo direto**. Belo Horizonte: [s.n.] 1999, p. 25.

⁶² KARNOPP, David. **Música e Igreja**: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1999, p. 37.

⁶³ SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**: fundamentos da verdadeira adoração. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 90.

⁶⁴ SWINDOLL, Charles. **Davi – Um homem segundo o coração de Deus**. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 50.

Sendo assim, tudo o que é cantado na igreja tem um profundo significado diante do Reino de Deus. Quando se canta algo que não condiz com a Bíblia, de maneira herege, a Igreja é conduzida para um momento de cânticos com músicas falsas e vazias. Há uma necessidade de um ensino teológico que tenha abrangência também na área música e não apenas nas mensagens.⁶⁵

A linha central do ensino bíblico está bem clara, pois, segundo Richards, Yaweh incentivaria Israel e o ajudaria na busca pela maturidade.⁶⁶ Wiersbe complementa dizendo que “é preciso haver maturidade da parte do povo de Deus a fim de ser capaz de entoar ‘canções de louvor durante a noite’ (Jo 35.10; Sl 42.8)⁶⁷. Essa maturidade se dá a partir do momento em que a igreja compreende e entende aquilo que é cantado de forma simples e direta.

Existem letras que não deixam dúvida no que tange à inspiração divina. Entretanto, a dificuldade maior se dá quando o ouvinte, além de não compreender o que está cantando, fica na dúvida sobre a veracidade da letra em relação à Palavra de Deus. A igreja precisa ser crítica em relação a tudo o que ela, ouve não apenas fora da igreja, mas dentro da igreja também. Deve saber separar o joio do trigo. Atilano Muradas define alguns critérios importantes em relação à letra das músicas:

“Devem edificar; devem ensinar teologia corretamente; devem ter vocabulário, melodia e ritmo de acordo com o público-alvo; devem respeitar as normas da língua em que foi composta; devem respeitar as posições doutrinárias pregadas pela congregação em que está sendo cantada”.⁶⁸

Uma vez que esses critérios passam a ser observados, muito conceitos mudam. A própria visão do que é a música na igreja e a maneira como ela deve ser conduzida passa a ser de sublime importância. Quando se inicia a reformulação do ministério de música, logo aparecerão os empecilhos para o ensino da música para a

⁶⁵ MURADAS, Atilano. **Decolando nas asas do louvor**. 3 Ed. São Paulo: Abec, 2000, p. 152.

⁶⁶ RICHARDS, Lawrence C. **Comentário Bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas de Gênesis ao Apocalipse. Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004, p. 104.

⁶⁷ WIRSBE, 2006, p. 268.

⁶⁸ MURADAS, 2000, p. 152.

igreja, entretanto faz-se necessário apresentar condições eficazes para um ensino eficiente através da música.

3.1 Empecilhos para o ensino efetivo através da música na igreja

Conforme tratado no primeiro capítulo, o desejo de Moisés, antes de morrer, era de ensinar um cântico ao povo que fosse como um refúgio em meio a tempestades. Ele assim o fez, compôs um hino em Deuteronômio 32 para ensinar ao povo as doutrinas bíblicas. Uma vez que o povo guarde essas doutrinas em forma de melodia, certamente, a aplicação de todo o ensino bíblico se tornará natural, visto que a música é uma forma simples de e eficiente para guardar informações. A exemplo daquilo que ocorre com muitos, há quem se lembre mais facilmente daquilo que fora cantada no domingo do que o sermão pregado. Se a música e o sermão estão em harmonia, é certo que ao cantar a música, algumas pessoas se lembrarão do que fora falado. O texto de Colossenses 3.16 é um ótimo exemplo disso:

“A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração”.⁶⁹

Ao passo que a música pode ser vista como uma forma de ensino, a falta de senso crítico em relação ao conteúdo dessas música pode ser um grande empecilho na hora de ensinar a palavra de Deus, visto que a letra pode confundir, banalizar, desorientar e equivocar o ensino. O conteúdo da letra deve ser avaliado e analisado não apenas pelos músico, mas também pelos pastores da igreja. O alvo da canção deve ser conduzir a igreja em espírito e em verdade, em entendimento e na palavra tendo como objetivo a glória de Deus. Portanto, analisam-se pelo menos três empecilhos para um ensino errado através da música.

3.1.1 Letras sem inspiração bíblica

Há diversos compositores cristãos que são referência no meio evangelico em função de suas letras que ficam na memória da congregação. Alguns contemporâneos como Asaph Borba, Adhemar de Campos, Gelson Ortega e Pr. Wilson Santos trazem canções com conteúdos claros da palavra de Deus, como por exemplo: “Nosso Deus é soberano, Ele reina antes da fundação do mundo. A Terra era sem forma e vazia, e

⁶⁹ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA, 2002, p. 1128.

o Espírito do nosso Deus se movia sobre a face das águas [...]”⁷⁰. Esta letra fala de maneira poética sobre o texto de Gênesis capítulo um. Seu refrão é convidativo e conduz a igreja à glorificação a Deus por suas maravilhas.

Em concordância com Asaph, Adhemar de Campos também tem a Bíblia como inspiração, e isso é observado em uma de suas letras. Canta-se o Salmo 48 na música: “Grande é o Senhor e mui digno de louvor. Na cidade do nosso Deus, Seu Santo monte. Alegria de toda terra [...]”⁷¹. Na música *Cantai ao Senhor*⁷², do compositor Nelsom Bomilcar, também observa-se a fidelidade ao texto bíblico encontrado em Salmos 96.

Uma das preocupações vista pelos compositores da atualidade é atender ao que as gravadoras chamam de “músicas para vender”, diferente do enfoque, que são músicas que contenham ensinamentos cujo conteúdo conduz a igreja à adoração, ensinando, doutrinando, orientando e guiando conforme orientação da palavra de Deus.

Sabe-se que compor músicas exige um senso de criatividade muito grande do compositor, além de habilidade e sensibilidade na criação da letra e música. O reflexo de uma música que possui inspiração bíblica tem relação diretamente proporcional entre o compositor e seu relacionamento com Deus. O resultado de uma relação inversamente proporcional são as composições que exprimem interpretações humanas ao invés de interpretações bíblicas.

Em 2 Timóteo 3.16-17 lê-se: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que

⁷⁰ SANTOS, WILSON. **Nosso Deus é soberano**. Rio Grande do Sul, 23/11/2017. Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/comunidade-evangelica-vila-da-penha/nosso-deus-e-soberano.html> > Acesso em: 23/11/2017.

⁷¹ MCEWAN, Steve. **Great Is The Lord**. Trad. Adhemar de Campos. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/adhemar-de-campos/205381/> >. Acesso em: 23/11/2017.

⁷² BOMILCAR, Nelson. **Cantai ao Senhor**. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/adhemar-de-campos/355377/> >. Acesso em: 23/11/2017.

o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”;⁷³ em complemento, 2 Pedro 1.21: “porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”.⁷⁴ Não obstante, João 14.26 Jesus diz: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”.⁷⁵

De acordo com a educadora Sherron George, a escrita bíblica deve ser preservada com responsabilidade:

“Deus se serviu de pessoas para escrever e preservar as páginas sagradas, e ainda se serve de pessoas para as ler, interpretar e ensinar. O mesmo espírito que inspirou escritores bíblicos pe a verdadeira fonte de iluminação para seus leitores, levando, assim, o ser humano a entender a revelação e os mistério de Deus. Nós lemo, estudamos, examinamos, pregamos e ensinamos a Bíblia, mas o Iluminador é o Espírito Santo”.⁷⁶

Se Deus usou pessoas para revelar as Escrituras que hoje são a base para a educação cristã na igreja, esse mesmo Deus pode usar compositores evangélicos, inspirando-os e guiando-os na composição de canções tendo como objetivo o ensino vivo e consistente, guiado pelo Espírito Santo, refletindo a luz da palavra. O próprio rei Davi já dava esta orientação, conforme Salmos 119.54: “Os teus estatutos têm sido os meus cânticos no lugar das minhas peregrinações”⁷⁷. Esses mesmos estatutos deve estar na mente da congregação.

3.1.2 Erros de interpretação bíblica

Não muito distante dos problemas de falta de inspiração bíblica, está uma problemática muito presente em algumas composições da atualidade. Muitas são as canções repletas de texto bíblico, mas com interpretações erradas, sem levar em consideração as diferenças de idioma, cultura e período histórico.

⁷³ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA. Bíblia de estudo da mulher: edição corrigida e revista. Belo Horizonte: Atos, 2002, p. 1151.

⁷⁴ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA , 2002, p. 1189.

⁷⁵ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA , 2002, p. 1002.

⁷⁶ GEORGE, 1993, p. 30.

⁷⁷ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA , 2002, p. 569.

Segundo Antônio Renato Gusso, muitos são os pregadores que, através de suas próprias ideias, “apresentam opiniões da filosofia, sociologia, psicologia e outras mais, além das pessoas daquele pastor ou grupo religioso, respaldadas em texto que nem de longe dizem o que o locutor está dizendo”⁷⁸. Não apenas pregadores, mas cantores e compositores compartilham destas mesmas opiniões. Em sua maioria, grande parte das composições apresentam experiências pessoais em diversos momentos de sua vida.

Grande parte do que se canta na igreja se forma de por cânticos que não possuem nem mesmo uma reflexão teológica. Observa-se, no contexto dessa música, uma mistura errônea do texto bíblico com aquilo que a música deseja passar ao ouvinte. Se é que esta música, de fato, tem algo a ser ensinado.

Os planos que foram embora, o sonho que se perdeu. O que era festa e agora é luto do que já morreu. Não podes pensar que este é o teu fim, não é o que Deus planejou. Levante-se do chão, erga um clamor. Restitui, eu quero de volta o que é meu. Sara-me e põe teu azeite em minha dor. Restitui e leva-me às águas tranquilas. Lava-me e refrigera minh'alma. Restitui. E o tempo que roubado foi, não poderá se comparar a tudo aquilo que o Senhor tem preparado ao que clamar. Creia por que o poder de um clamor pode ressuscitar.⁷⁹

Conforme a letra, parece que o desejo do autor é ser restituído de algo. Na primeira frase da música lê-se “*Os planos que foram embora, o sonho que se perdeu*”, parece fazer referência a algum desejo pessoal ou algo que deseja alcançar. A música parece ensinar que, quando se perdem sonhos e planos, deve-se pedir a Deus de volta. Contudo, Mateus 6:33-34 diz: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.”⁸⁰ Diferente da música, Jesus parece ensinar que a prioridade deve ser buscar a Deus.

⁷⁸ GUSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**. Orientações práticas para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos, 1998, p. 80.

⁷⁹ ARCANJO, Luiz; SACER, Davi. **Restitui**. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/toque-no-altar/185328/>>. Acesso em: 23/11/2017.

⁸⁰ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA, 2002, p. 886.

Na frase “*não é o que Deus planejou*”, dá a entender que o compositor conhece perfeitamente a vontade de Deus a ponto de poder afirmar isso. Contudo, no texto de Mateus 6:10 lê-se: “Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu”⁸¹. Não parece que Jesus está expondo a vontade de Deus, mas seu desejo é que Deus realize a vontade Dele ao invés da sua. Portanto, considera-se um absurdo afirmar que os planos que foram embora e o sonho que se perdeu, foram perdidos, mas não era a vontade de Deus que se perdessem. Efésios 5:17 diz: “Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor.

Ainda sobre a frase “Restitui, eu quero de volta o que é meu” parece desafiar a autoridade Divina, além de fazer com que o leitor entenda que basta pedir, se porventura algo não tenha saído conforma o planejado, que Deus restitui. Em Romanos 11:33-36 Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Wierbse declara que: “ Nenhum ser humano é capaz de conhecer de todo a mente do Senhor [...]”⁸². Paulo canta ao Deus altíssimo e seu ensino é valiosíssimo. Eis a preciosidade em Romanos 11: 34-36: “Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!”⁸³

3.1.3 Falta de definição de Deus como sujeito principal

Um dos exemplos de falta de definição do sujeito e letra dúbia é a canção “Me Ama”. Esta música é muito popular em diversas igrejas. A interpretação dessa letra se torna pertinente, visto que em alguns momentos, a poesia deixa o leitor em dúvidas em relação aos atributos comunicáveis de Deus. Sem contar que Deus é um sujeito oculto nessa canção:

Tem ciúmes de mim. O Seu amor é como um furacão e eu me rendo
ao vento de Sua misericórdia. Então, de repente, não vejo mais minhas
aflições, eu só vejo a glória. E percebo quão maravilhoso Ele é e o

⁸¹ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA , 2002, p. 884.

⁸² WIRSBE, 2006, p. 722

⁸³ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA , 2002, p. 1061.

tanto que Ele me quer. Ô, Ele me amou. Ô, Ele me ama. Ele me amou. Me ama, Ele me ama, Ele me ama, Ele me ama. Somos Sua herança e Ele é o nosso galardão. Seu olhar de graça nos atrai à redenção. Se a graça é um oceano estamos afogando. O céu se une à terra como um beijo apaixonado. E meu coração dispara em meu peito acelerado. Não tenho tempo pra perder com ressentimentos, quando penso que Ele⁸⁴

Alguns ponderações sobre essa música, visto que não se encontra nenhuma referência a Deus. Essa letra é dúbia e provoca confusão na mente do ouvinte. Em 1 Coríntios 14:7-8 diz: “Da mesma sorte, se as coisas inanimadas que fazem som, seja flauta, seja cítara, não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca com a flauta ou com a cítara? Porque, se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?”⁸⁵ Se Deus for um sujeito oculto, de que maneira o ouvinte entenderá que a letra fala acerca de Deus? Se faz necessário a definição de um sujeito, visto que a música pode ser cantada para o esposo ou namorada. Por que não fazer a declaração: Deus me ama!

E, se Deus está como sujeito oculto, certamente essa letra não é apropriada para conduzir a igreja em uma adoração a um Deus presente. A letra não é o único empecilho. Há muitos músicos que chamam mais atenção sobre si mesmos do que para sua mensagem. Além da falta de espiritualidade que, de fato, é um divisor de água no que se refere à adoração que Deus deseja de um simples tocar e cantar.

Ainda se pode observar o trecho em que se canta “*o seu amor é como um furacão*”⁸⁶. Se furacão é uma palavra com conotação destrutiva, não há por que compará-la com o amor de Deus, que é algo e construtivo. De fato, falta para alguns compositores brasileiros e estrangeiros buscar orientação do Espírito Santo e meditação da palavra de Deus para que esses erros não se repitam.

3.2 Condições para um ensino eficiente através da música

Lutero tinha a música como principal recurso para disseminar o ensino bíblico, visto que para ele, era primordial compor letras que contivessem a palavra, pois assim

⁸⁴ MCMILAN, John Mark. **Me ama**. Trad. Ana Paula Valadão. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/diante-do-trono/me-ama.html>>. Acesso em: 23/11/2017.

⁸⁵ SOCIEDADE BÍBLICA TRINITARIANA, 2002, p. 1081.

⁸⁶ STRONG, James;LL.D., S.T.D. **Dicionário Bíblico Strong**. Léxico Hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri: SBB, 2002. P 1612.

todos que ouvissem e guardassem essas canções, estariam guardando a Palavra de Deus. Carl F. Schalk faz uma citação em que Lutero, através de uma carta, solicita a Geog Spalatin alguns texto para congregação:

“Nosso plano é seguir o exemplo dos profetas e dos pais da Igreja primitiva e compor salmos para o povo [no] vernacular, ou seja, cânticos espirituais, para que a palavra de Deus esteja entre as pessoas também em forma de música. [...]”⁸⁷

Portanto, segundo esse autor, as letras devem ser claras no ensino do conteúdo da palavra de Deus. No seu entendimento, as letras devem ir além de uma habilidade poética, mas da compreensão de se escrever de maneira autêntica com respaldo e autoridade bíblica. Em concordância, observa-se Calvino ensinando que a Escritura é o princípio regulador para uma adoração fixa na palavra. Não se trata daquilo que satisfaz pessoas, mas daquilo que agrada a Deus:

“Não podemos adotar [em nossa adoração] nenhum artifício que pareça caber a nós mesmos, mas devemos olhar para as injunções daquele que tem o direito exclusivo de determinar. Portanto, e quisermos que ele aprove a nossa adoração, essa regra, que ele em todos os lugares impõe com o máximo rigor, deve ser cuidadosamente observada [...]. Deus desaprova todos os modos de adoração que não sejam expressamente sancionados por sua Palavra.”⁸⁸

Sendo assim, a primeira condição está em fundamentar cada letra na palavra de Deus de maneira clara para uma fácil compreensão da música. Não apenas isso, mas o que complementa a ideia de um ensino eficiente se dá com bons líderes. Instrutores capazes de estabelecer um ministério centrado na palavra, organizado e funcional. Um grande exemplo de liderança é o Rei Davi. Davi nomeou diversos homens competentes, que eram liderados por Quenianas que, conforme 1 Crônicas 15. 17-19, era um perito:

“Davi escolheu para essa tarefa os cantores Hemã, Asafe, e Etã (Jedutum) que foram os primeiros a serem selecionados pois eram habilidosos e competentes. Os instrumentistas e demais cantores também eram dirigidos por Quenianas, pois era capacitado.”⁸⁹

Davi escolhe os homens mais capacitados para assumir a liderança e dirigirem a parte musical no templo. Os quatro selecionados são: “Quenianas,

⁸⁷ SCHALK, Carl F. **Lutero e a música**: paradigmas de louvor. Trad. Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 31.

⁸⁸ MACARTHUR, John. **Adoração**: a prioridade suprema. Trad Onofre Muniz. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 31.

⁸⁹ SANTOS, Leila Christina Gusmão dos Santos; LUZ, Westh ney Rodrigues. **Culto Cristão**. Contemplação e comunhão. Rio de Janeiro: Juerp, 2003, p. 88.

dirigente do coro; Asafe, Hemã e Jedutum, dirigentes das três seções da orquestra.⁹⁰ A escolha destes se dá em função da qualificação necessária para bons professores. A ensino musical na Bíblia era algo muito bem estabelecido. Lê-se em 1 Crônicas 15.22: “Quenias, chefe dos levitas, estava encarregado dos cânticos, e os ensinava, porque era hábil.”⁹¹

De acordo com as autoras Leila Gusmão e Westney Rodrigues, este é um texto rico em detalhes a respeito do ensino eficiente no templo:

“[...] Notamos que esse povo era instruído nos cânticos. Eles passaram por um período de treinamento sistemático e de ensaios regulares, a fim de que estivessem preparados quando chegasse a sua ocasião de servir no Templo. Observamos também, que eles estavam se adestrando, significando que eram hábeis e eficientes. Os músicos não se tronam exímios a não ser por meio de um treinamento e prática completos, mantidos e uma maneira regular e sistemática.”⁹²

Outro fator para um ensino eficiente na área da música é que o líder deve trabalhar em consonância com o pastor. Além de ser pastoreados pelo pastor, deve pastorear as ovelhas e conduzi-las debaixo da palavra de Deus. Algo de suma importância é o relacionamento interpessoal do líder com seus liderados. Deve manter um contato regular com os liderados, visitando-os, aconselhando-os e acompanhando-os na caminhada com Cristo. Se necessário, exortar, consolar nos momentos difíceis.⁹³ O líder deve conduzir os liderados em humildade e com respeito para que assim seus liderados o respeitem e o sigam em submissão conforme o texto de Hebreus 13.17: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que não de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil.”

Outro fator decisivo para o bom funcionamento do ministério musical na igreja é o exemplo pessoal. Sem dúvidas, os liderados de Davi o viam como um grande exemplo no que tange a música. Ele tocava bem, era um excelente compositor, construía instrumentos e tinha um ótimo relacionamento com todos em sua liderança.

⁹⁰ SANTOS, 2003, p. 54.

⁹¹ SANTOS, 2003, p. 53.

⁹² SANTOS, 2003, p. 53.

⁹³ TESSMAN, 2002, p. 67.

Não pode existir um ministério que seja feliz em seu propósito sem que haja um líder apto, capaz e disposto para alcançar seus objetivos. João A. de Souza Filho faz um pertinente comentário em relação a liderança na igreja:

“A autoridade é o principal problema que envolve os músicos da igreja. Há duas situações opostas que geralmente determinam a situação deles: ou são deixados sozinhos, sem supervisão nem orientação, ou são tão fortemente controlados que ficam inibidos em suas manifestações a Deus. Falta-lhes, na maioria das vezes, uma liderança pastoral. Eles não têm em seus líderes e pastores um referencial de autoridade e, rebelando-se, agem contra tudo o que é instituído. Afinal, todos nós somos naturalmente rebeldes. Alguém disse que o músico é por natureza o mais rebelde de todos os demais.”⁹⁴

Sendo assim, uma segunda condição para um ensino eficiente é uma liderança firmada na palavra, que trabalhe com o pastor e que tenha um bom relacionamento com seus liderados. Não pode haver ministério forte sem que haja liderança que busque a Deus em oração e que se firme nas palavras. Assim como possuir habilidades para liderar e conduzir o grupo.

A Bíblia mostra bons instrutores no que tange a adoração teocêntrica. Os Salmos do Rei Davi trazem grandes ensinamentos teológicos. Apresentam um Deus não apenas salvador, mas um Deus que é criador, rei, sustentador e Criador do universo. “De forma especial, o cristão encontra nos salmos ‘escola de oração’ (C. Barth), ensinando-lhe como orar, quando orar e pelo que orar”.⁹⁵

⁹⁴ FILHO, João A. de Souza. **Ministério de Louvor** – revolução na vida da igreja. Belo Horizonte: Betânia, 199, p

⁹⁵ BRUCE, F.F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Trad. Valdemar Kroger. São Paulo: Vida, 2008, p. 762.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi planejado para uma análise bíblica e funcional do ensino bíblico através da música. Ela exerce um papel muito importante na adoração. O que se pode perceber é que as canções nas igrejas atuais é o componente mais explorado, mas ao mesmo tempo o menos planejado do culto. Todos concordam que a música é uma linguagem universal, e suas letras devem conter uma mensagem substancial, baseada e fundamentada no ensino bíblico. Essa banalização reflete em letras vazias e com interpretação dúbia.

Há músicas que são entoadas a Deus, contudo, nem sequer mencionam o seu nome dando margem a diversos sujeitos. E ainda há outras que são cantadas de maneira deliberada com ritmo, batidas e volume com o objetivo de construir um clímax ou um estado de transe que descaracterizam a adoração e a proposta da música no culto.

Desta forma, o primeiro capítulo analisou os cânticos de Moisés, e como foram importantes para memorização da lei de Deus e de Seus feitos junto ao povo de Israel. Moisés passou seus ensinamentos antes de sua morte. Ensinou as doutrinas e a importância disso para uma vida com Yaweh. O povo vivia em pecado constantemente. Por vezes, Moisés intercedia em favor do povo a fim de justificá-los para Yaweh. Na maioria das vezes em que Moisés se afastava para falar com Deus, o povo pecava. Eles não sabia como manter-se constante nas doutrinas ensinadas. Com isso, Moisés usou de sua sabedoria para deixar algo para que o povo se recordasse desses momentos e não se desviasse dos caminhos de Yaweh. O povo tinha uma grande facilidade para memorizar mensagens de forma poética e cantada. Este foi o recurso que Moisés utilizou para ensinar o povo. Compôs um cântico que continha recordações de vários momentos que o povo passou e que celebrava a Yaweh pelos feitos miraculosos. Também transmitiu a lei de Yaweh através da poesia para que o povo não esquecesse das doutrinas, além de poder ensiná-las para outras gerações.

O segundo capítulo abordou três importantes pedagogias para a melhor compreensão do processo de aprendizagem nas diversas fases da vida. Certamente, esses três psicólogos passaram um bom tempo de estudo, analisando cada uma

dessas teorias, afim de colaborar na efetivação do ensino para cada fase da vida. Portanto, observa-se que a educação religiosa tem falhado nesse segmento, na elaboração de uma nova postura em relação ao ensino teológico. Há mensagens pastorais que não se conectam com a música, escola bíblica sem profundidade teológica, fazendo com que seus professores sejam meros leitores de revistas e a lista continua. Quando Moisés pensou em algo para ensinar o seu povo de maneira funcional, ele pensou nas características e também na linguagem do povo. A educação religiosa deve ter essa mesma perspectiva, aplicar essas teorias de maneira conjunta levando em consideração a maneira como a igreja aprende. A efetivação desse modo de ensino, além de fortalecer as bases espirituais da igreja, homologará o legado de ensino na vida de cada um, e dessa forma haverá transmissão para as próximas gerações, resultando em uma igreja forte e saudável.

O terceiro capítulo abordou sobre a necessidade da perspectiva bíblica para a música. Não é por acaso que os hinos do Hinário para o Culto Cristão são os que mais ficam na memória da congregação. Esses hinos são repletos de ensinamentos teológicos e de experiências com Deus. As músicas da atualidade têm deixado de lado a parte teológica e tem aplicado, muitas vezes, apenas experiências pessoais. A música se torna tão pessoal que apenas o compositor sabe a quem é dirigida, gerando diversos tipos de interpretações na mente da congregação.

Os cânticos devem conduzir a igreja a adorar a um Deus que é o sujeito presente e não indeterminado ou oculto. A música deve ir além do estímulo emocional, pois seu alvo é ensinar e doutrinar. Sua mensagem deve ser de amor e esperança. O ministério de música e o ministro(a) de louvor são fundamentais nesse processo, pois a convicção da necessidade do ensino resgatará a teologia nos cânticos atuais para fundamentar a palavra de Deus e ensinar a igreja.

Este estudo não é final, mas abre portas para uma maior reflexão a respeito do que se ensina através das práticas musicais da igreja atual. A buscar uma melhor maneira de ensinar a congregação as doutrinas bíblicas.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Ronald; BARROR, Gordon. **Teologia da adoração**. Trad. Elias Moreira da Silva, Luci Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002, 184 p.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho; Abigail Alvarenga Mahoney. **Afetividade e aprendizagem** – contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007, p. 176.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho; Abigail Alvarenga Mahoney. **Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004, 148 p.

ARCANJO, Luiz; SACER, Davi. **Restitui**. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/toque-no-altar/185328/>>. Acesso em: 23/11/2017.

BOMILCAR, Nelson. **Cantai ao Senhor**. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/adhemar-de-campos/355377/>>. Acesso em: 23/11/2017.

CARSON, D. A. **Comentário Bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 2176 p.

CARVALHO, César Moisés. **Uma pedagogia para a educação cristã**. Noções básicas da ciência da Educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, 400 p.

CASTORINA, A. José; CARRETERO, Mario. **Desenvolvimento cognitivo e educação**: os inícios do conhecimento. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2012, 294 p.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 2 Ed. São Paulo: Candeia, 1995, v. 4, 420 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juizes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis.** 2 Ed. São Paulo, Hagnos, 2001, v. 2, 1460 p.

COLE, R. Alan. **Êxodo: introdução e comentário.** Trad. de Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1963, 232 p.

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Velho testamento.** Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1987., 554 p.

DAVIS, Claudia; RAMOS, Zilma de Moraes. **Psicologia da educação.** 2 Ed. Revisada. São Paulo: Cortez, 1994, 151 p.

DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus: o despertar para um novo culto.** Tradução Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000, 288 p.

FILHO, João A. de Souza. **Ministério de Louvor – revolução na Vida da Igreja.** Belo Horizonte: Betânia, 1999, 192 p.

GEORGE, Sherron K. **Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã.** São Paulo: Luz para o caminho, 1993, 160 p.

GRASSI, tania Mara. **Psicopedagogia: um olhar, uma escuta.** Curitiba: InterSaberes, 2013, 220 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia.** Orientações práticas para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos, 1998, 110 p.

KARNOPP, David. **Música e Igreja: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus.** Passo fundo: 1999, 111 p.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas de aprendizagem.** 2 ed. ver e atual. Curitiba: Ibplex, 2008, 93 p.

LIVINGSTON, George Herbert; COX, Leo G.; KINLAW, Dennis F.; BOIS, Lauriston J. Du.; FORD, Jack; DEASLEY, A.R.G. **Comentário Bíblico, Beacon**. Trad. de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro, CPAD, 2005, 640 p.

MACARTHUR, John. **Adoração: a prioridade suprema**. Trad. Onofre Muniz. São Paulo: Hagnos, 2014, 300 p .

MACCMMON, Paul. **A música na Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963, 101 p.

MCEWAN, Steve. **Great Is The Lord**. Trad. Adhemar de Campos. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/adhemar-de-campos/205381/>>. Acesso em: 23/11/2017.

MCMILAN, John Mark. **Me ama**. Trad. Ana Paula Valadão. Rio Grande do Sul, 23.11.2017. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/diante-do-trono/me-ama.html>>. Acesso em: 23/11/2017.

MEYER, F.B. **Comentário bíblico**. Trad. Amantino Adorno Vassão. 2 Ed. Belo Horizonte: Betânia, 2002, 776 p.

MURADAS, Atilano. **Decolando nas asas do louvor**. 3 Ed. São Paulo: Abec, 2000, 172 p.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody: Gênesis à Malaquias**. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2010, 1284 p.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald e HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais** — a Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro, 2010, 1472 p.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2012, 138 p.

RICHARDS, Lawrence C. **Comentário Bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas de Gênesis ao Apocalipse. Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004, 1288 p.

SANTOS, Cássio Miranda dos. **Ensinar, verbo transitivo direto**. Belo Horizonte: [s.n.], 1999, 142 p.

SANTOS, Leila Christina Gusmão dos Santos; LUZ, Westh ney Rodrigues. **Culto Cristão**. Contemplação e comunhão. Rio de Janeiro: JUERP, 2003, p 208.

SANTOS, WILSON. **Nosso Deus é soberano**. Rio Grande do Sul, 23/11/2017. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/comunidade-evangelica-vila-da-penha/nosso-deus-e-soberano.html>> Acesso em: 23/11/2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10 ed. Ver. Campinas: Autores Associados, 2008, 128 p.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a música**: paradigmas de louvor. Trad. Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006, 76 p.

SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**: fundamentos da verdadeira adoração. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, 170p.

STRONG, James;LL.D., S.T.D. **Dicionário Bíblico Strong**. Léxico Hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri: SBB, 2002, 2038 p.

SWINDOLL, Charles R. **Davi – Um homem segundo o coração de Deus**. 4. Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, 367 p.

TESSMANN, Ramon. **Louvor e adoração**: um desafio para a Igreja de Cristo. Rio de Janeiro: JUERP, 2002, 144 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: Pentateuco. Trad. Suzana E. Klassen. Santo Andre: Geográfica, 2006, 602 p.

ZAMPRONHA, Maria de Lourde Sekeff. **Da música, seus usos e recursos**. 2 ed. Ver e ampliada. São Paulo: UNESP, 2007, 192 p.